

ENTRE O LITERÁRIO E O EXISTENCIAL, A “ESCREVIVÊNCIA” DE CONCEIÇÃO EVARISTO NA CRIAÇÃO DE UM PROTAGONISMO FEMININO NEGRO NO ROMANCE *PONCIÁ VICÊNCIO*

Rosemere Ferreira da Silva¹

Resumo: O artigo apresentado discute o romance *Ponciá Vicêncio*, escrito por Conceição Evaristo, como um texto que se constrói entre o literário e o existencial. A perspectiva de análise da produção literária é filosófica, destacando o questionamento à existência humana negra, através da abordagem criada pela autora, com enfoque nas experiências de afro-brasileiros, mas com particular atenção àquelas que dizem respeito às mulheres negras na sociedade brasileira.

Palavras-chave: existência negra; autoria negra; “escrevivência”; *Ponciá Vicêncio*.

Abstract: The article presented discusses the novel *Ponciá Vicêncio*, written by Conceição Evaristo, as a text that is constructed between the literary and the existential. The perspective of analyzing literary production is philosophical, emphasizing the questioning of black human existence, through the approach created by the author, focusing on the experiences of Afro-Brazilians, with particular attention to those that concern black women in Brazilian society.

Keywords: black existence; black authorship; “escrevivência”; *Ponciá Vicêncio*.

*“Gosto de ouvir, mas não sei se sou a hábil conselheira. Ouço muito. Da voz outra, faço a minha, as histórias também. E, no quase gozo da escuta, seco os olhos. Não os meus, mas de quem conta. [...] Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta. O real vivido fica comprometido. E, quando se escreve, o comprometimento (ou o não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma **escrevivência**”².*

Conceição Evaristo

Introdução

A publicação da antologia *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*³ (2011) pode ser considerada um marco para o reconhecimento na crítica e na historiografia das

¹ Profa. Dra. do Departamento de Ciências Humanas- *Campus V* da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

E-mails para contato rosefsilva@uneb.br ou roserosefr2000@yahoo.com.br

² Conceição Evaristo, em *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011, p. 09

³ A coleção *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica* foi publicada, em 2011, pela editora da Universidade Federal de Minas Gerais e, organizada pelos pesquisadores Eduardo de Assis Duarte e Maria Nazareth Soares Fonseca. A coleção corresponde a quatro volumes distribuídos entre ensaios críticos e verbetes relacionados aos dados biográficos, estudo da obra, relação de publicação e fontes de consulta de cem escritores e escritoras da literatura afro-brasileira. A publicação é uma referência para o estudo da temática em evidência e contou com a participação de sessenta e um pesquisadores, vinte e um de instituições brasileiras e, seis de

obras da literatura afro-brasileira. A coleção, dividida em quatro volumes, exemplarmente descortina verbetes e ensaios críticos sobre escritores e escritoras afro-brasileiros, mostrando como a produção literária desses intelectuais, em diferentes gêneros, romance, poesia, conto e crônica, para além das especificidades linguísticas, evidencia o pertencimento étnico-racial como principal recorrência. A partir dessa publicação, nos deparamos com uma vasta produção literária contraditoriamente apagada da historiografia estudada nos currículos escolares, no entanto, necessária à formação educacional de qualquer sujeito.

A antologia citada traz à tona, não só as especificidades de uma literatura entendida como afro-brasileira em todos os seus aspectos políticos e culturais, mas também uma vasta produção feminina que merece destaque em virtude da relevância que a escrita dessas mulheres apresenta no conjunto da produção literária brasileira. Muito mais do que simplesmente contar histórias, ficcionalizando temas e criando personagens, a literatura escrita por mulheres negras tem um empreendedor papel de trazer à cena contemporânea, o debate sobre a importância, o compromisso e a responsabilidade das intelectuais negras em usar a escrita como ferramenta de produção teórica e também como recurso de um tipo de ativismo que fundamenta questões relacionadas à raça, à classe, ao gênero e à sexualidade, presente nos textos escritos por essas autoras.

Na literatura brasileira, as escritoras negras⁴, negligenciadas do conjunto da produção literária nacional, formam uma espécie de “apêndice literário”, quando referidas por uma crítica que totalmente ignora a relevância, não só em termos de conteúdo, quanto ao que se identifica como “boa literatura”, mas, sobretudo, em relação à composição estrutural do texto por elas elaborado. E neste sentido, a preciosidade do debate recai exatamente sobre a combinação que as escritoras negras conseguem fazer entre a produção de uma escrita literária e o alinhamento do texto com aspectos que transcendem a literatura. Ao recorrer à literatura como comunicação textual, elas são capazes de uma articulação profunda e necessária com uma forma filosófica de pensar o mundo e as relações entre os sujeitos.

Nesse contexto, uma pergunta frequente sobressai: qual é a finalidade do texto literário produzido pelas escritoras negras? Literária? Social? Política? Filosófica? Ou, de fato, todas essas implicações se complementariam, resultando em um ativismo político e literário, criando

instituições estrangeiras. Sem dúvida, o material deve ser lido e utilizado nas escolas e nas universidades porque abrange um conjunto de autores (as) e obras de riquíssima qualidade ainda pouco conhecida.

⁴ Ao mencionar as escritoras negras negligenciadas do cânone literário brasileiro penso no trabalho de Maria Firmina dos Reis, Auta de Souza, Maria Carolina de Jesus, Geni Guimarães, Esmeralda Ribeiro, Mírian Alves, Lia Vieira, Conceição Evaristo, Ana Maria Gonçalves, Cristiane Sobral e outras.

um diferencial na forma como concebemos o significado da produção literária das intelectuais negras? O ativismo político e literário assumido pelas escritoras negras pode ser definido como uma espécie de mote filosófico em direção às ramificações dos temas escolhidos para os questionamentos levantados a partir do literário. Não faz sentido para essas mulheres escrever literatura despida de um fundamento filosófico e político, cuja ação não suscite dos sujeitos envolvimento direto com a forma como se entendem no mundo. Sendo assim e, particularmente, neste caso, a literatura passa a ser uma estratégia de compreensão do mundo, a partir do que somos levados a pensar qual é o nosso papel para a nossa existência e fundamentalmente para a existência do outro.

1 Entre o literário e o existencial: Conceição Evaristo e o texto literário afro-brasileiro

O texto literário é ficcional, mas as narrativas criadas com base na ficcionalidade representam a realidade de um mundo, em geral, repleto de incredulidades, de contrapontos, entremeios e de questionamentos que suscitam, nos textos apresentados, não somente um modo particular e individual de intervenção, mas também coletivo, em relação às diversas formas de opressão impostas ao ser humano. Entre o literário e o existencial, as escritoras negras tomam o pertencimento étnico-racial como incursão, em um tipo de literatura que traz abordagens sobre o problema da existência humana do sujeito negro incomuns no cenário da literatura nacional brasileira.

Entre a literatura escrita por mulheres negras no Brasil e a proposição de um pensamento filosófico existencialista africano na diáspora, discutido por Lewis R. Gordon (2000), o objetivo aqui é trazer à tona, tomando o texto literário como exemplo, implicações que a produção textual feminina negra apresenta na prática de uma escrita, que busca incessantemente emancipar o sujeito com o exercício da palavra. Trata-se de uma literatura produzida para tratar de sentimentos, embora não apenas sob perspectiva sentimentalista, no sentido de expurgar as mazelas que intoxicam o humano, mas, sobretudo, filosófica, ao exigir que os problemas da humanidade sejam pensados e, política, ao colocar o humano em diálogo com as inúmeras situações que repetidas vezes oprimem a sua não experiência de liberdade.

Entre o literário e o existencial, o projeto literário da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo ganha forma. Conceição, longe de ser somente uma autora a ficcionalizar histórias guardadas na memória, vem, exemplarmente, construindo um modo de fazer literatura que vê

nas narrativas criadas, a maior parte delas, embasadas por uma memória familiar, a tentativa de produzir outro texto literário, onde apareça a subjetividade da mulher negra na sociedade brasileira, despida da estereotipia marcadamente endossada em uma série de textos da literatura brasileira⁵.

A geração de escritoras negras na que se insere Conceição Evaristo é uma geração que consolida a afirmação de uma identidade negra na literatura, em que a mulher negra sempre será protagonista das histórias narradas. Conceição começa a sua jornada literária na década de 1990, no Quilombhoje⁶, com poesias escritas para os *Cadernos Negros*⁷, mas passa a ser mais conhecida com a publicação do romance inaugural *Ponciá Vicêncio*⁸, em 2003. Apesar das dificuldades de reconhecimento de uma literatura afro-brasileira no âmbito da literatura brasileira, o texto de Conceição sempre encontrou legitimação através do campo social negro, com o seu uso frequente por um público de professoras, militantes e mulheres dispostas a encarar a condição da mulher negra, discutida por Conceição, em suas classes escolares, em suas comunidades e em seus espaços de representação⁹. Embora, segundo autora, o público que a inspire a escrever não seja exatamente aquele que tem acesso ao seu texto¹⁰, ela de forma consciente se arrisca, diante das indagações impostas pela vida, trazendo para o seu projeto ideológico e estético os questionamentos à subalternidade humana do negro, com particular ênfase à condição da mulher negra.

2 Protagonismo feminino negro em *Ponciá Vicêncio*

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dHAaZQPIF8I>. Acesso em 08 de maio de 2017.

⁶ Coletivo cultural paulista fundado em 1980 por Cuti, Oswaldo de Camargo, Paulo Colina, Abelardo Rodrigues e outros. Hoje o Quilombhoje é responsável pela publicação dos *Cadernos Negros* e trabalha para a divulgação de pesquisas relacionadas à cultura afro-brasileira, sob a coordenação de Esmeralda Ribeiro e Márcio Barbosa. Disponível em: <http://www.quilombhoje.com.br/>. Acesso em 16 de abril de 2017.

⁷ Desde 1978 e, ininterruptamente, alternando as publicações entre poesias e contos, os *Cadernos Negros* correspondem ao principal veículo de divulgação da literatura afro-brasileira e negro brasileira. A antologia já lançou diversos escritores e escritoras alinhados à temática negra e têm contribuído em demasia para dar visibilidade ao trabalho literário de vozes que discutem a importância do pertencimento étnico-racial para a construção de uma sociedade mais cidadã. Disponível em: <http://www.quilombhoje.com.br/cadernosnegros/historicocadernosnegros.htm>. Acesso em 16 de abril de 2017. A primeira publicação de Conceição Evaristo nos *Cadernos Negros* data de 1990 e pode ser encontrada no volume 13 da edição.

⁸ *Ponciá Vicêncio* é o romance inaugural da escritora Conceição Evaristo publicado em 2003 pela Mazza edições. O romance promove a literatura de Conceição em níveis nacional e internacional e descortina uma produção literária para o mundo, cujo enfoque dado à mulher negra ganha repercussões extraordinárias nos espaços aonde a literatura chega com força de mudança e transformação.

⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dHAaZQPIF8I>. Acesso em 08 de maio de 2017.

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FZa7tiBHnAc>. Acesso em 09 de maio de 2017.

O romance *Ponciá Vicêncio* é um exemplo bastante contundente de literatura produzida, cujo encantamento da autora com as palavras, deixa-nos transparecer um texto forte e sensível sobre a relação existencial da personagem com o mundo e, conseqüentemente, com as pessoas ao seu redor. Não é uma simples história de mulher negra, até porque as histórias de mulheres negras não carregam fôlego na simplicidade e, sim, na complexidade de seus significados. É uma história fundada na memória da autora e transportada para as memórias da personagem Ponciá que se alastra por ramificações contínuas de idas e vindas num belo e incessante passeio por cada lembrança rememorada e trazida para a narrativa.

Entre o frequente exercício de concatenação dos fatos existentes na memória e a ação estabelecida por uma ordem trazida pela lembrança, o ponto de vista do romance emerge de contornos palpáveis, em torno de uma voz narrativa feminina, cujo protagonismo negro cria, em vários aspectos, um diferencial na literatura também escrita por mulheres negras. A personagem Ponciá entre o passado e o presente, entre a lembrança e a vivência, entre o real e o imaginado, é capaz de conduzir as passagens textuais com profunda lealdade e respeito à ancestralidade frequentemente visitada na aproximação de um tempo, quase impossível de ser juntado aos entremeios da narrativa, mas indubitavelmente necessário à afirmação de um protagonismo negro desenhado a partir de uma escrita de autoria negra¹¹.

A escritora Conceição Evaristo costuma afirmar, em entrevistas, que a sua família vem de uma tradição de trabalho doméstico, de mulheres que serviram na casa de pessoas, algumas ilustres, em Belo Horizonte, para garantir trabalho e sobrevivência, mas que sabiam, apesar da pouca instrução formal, a importância da leitura para a construção de uma vida melhor e mais tranquila. Na casa de Conceição, embora as mulheres tivessem pouco contato com a formalidade da língua, a leitura acontecia através da interpretação das gravuras dos livros e também das revistas apreciadas nos momentos de descontração da família. Conceição diz ter crescido ouvindo histórias sobre a escravidão e com olhos atentos indagava a posição de subalternidade da sua família em relação às outras famílias ricas da sociedade mineira¹².

É no encantamento pela palavra que Conceição Evaristo desperta um texto, cuja autoria negra repercute as mais diferentes nuances da afirmação da identidade negra. Embora a obra de Conceição também abarque os desejos, vícios e vicissitudes do sujeito masculino negro, é a identidade negra feminina que se assenhora dos modos de ser e de dizer no texto o papel

¹¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UKyB7b-zX4s>. Acesso em 08 de maio de 2017.

¹² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=62GqRm-6cxw>. Acesso em 08 de maio de 2017.

preponderante que as mulheres negras têm na comunidade. Longe de conservar alguns dos estereótipos criados ao longo da historiografia literária brasileira sobre a mulher negra, Conceição é cuidadosa ao deixar aflorar personagens femininos negros capazes de contar para o mundo como são, sem necessariamente sê-lo, aos moldes desenhados pela opressão vinda de uma “casa-grande”, ainda presente no momento contemporâneo de muitos brasileiros.¹³

3 Existência humana e autoria negra

Mas por que a autoria negra se traduz fundamentalmente relevante para a composição do texto afro-brasileiro? Para além das textualidades que o texto literário pode apresentar, escrever é um ato político e de total insubordinação. Poucos dizem e são autorizados a esmiuçar qualquer tipo de contradição que uma dada sociedade pode apresentar. No caso das intelectuais negras e da sociedade brasileira, a responsabilidade de atestar uma autoria negra feminina é duplamente desconcertante porque traz à baila os atritos das clivagens entre raça, classe, gênero e sexualidade, geralmente, ignorados pela manutenção de um discurso hegemônico que exclui essas mulheres dos diversos campos do saber e da produção de conhecimento.

Uma parte significativa das personagens¹⁴ criadas, ao longo da historiografia literária brasileira, para as mulheres negras sempre buscou manter uma hegemonia discursiva, formada a partir de um pensamento ocidental, de exclusão da raça como elemento fundamentalmente crítico da própria existência humana. Em todos os processos de escravização do sujeito negro no Ocidente, a superioridade racial inibiu qualquer tipo de manifestação e/ou associação desse sujeito com o protagonismo de uma escrita, desconsiderando, inclusive, que alguns povos africanos escravizados no Brasil como, por exemplo, os nagôs islamizados em Salvador/ Bahia que participaram do levante dos Malês em 1835¹⁵, tinham o domínio das letras. Ou seja, tanto a ficção enviesada das representações sobre as personagens femininas negras, quanto a dificuldade de não atribuição de uma autoria feminina negra aos textos literários brasileiros contribuíram em demasia para negligenciar a relevância dessa produção, pensada de um lugar de enunciação negro e feminino, onde a autoria passa a ser a principal forma de revelar ao

¹³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UKyB7b-zX4s>. Acesso em 08 de maio de 2017.

¹⁴ Penso em alguns exemplos tais como as personagens de *Vítimas Algozes* (1869), de Joaquim Manoel de Macedo, *A escrava Isaura* (1875), de Bernardo Guimarães, a sensual mulata Rita Baiana e a negra escrava Bertoleza do romance *O Cortiço* (1890), de Aluísio de Azevedo e Fulô, no poema, “Essa negra Fulô” (1928), de Jorge de Lima.

¹⁵ Conferir em REIS, João José. *Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos Malês em 1835*. Companhia das Letras: São Paulo, 2003.

mundo as subtrações de um processo histórico de tradição escravista de total indiferença à existência da condição humana.

E, neste sentido, o texto das escritoras negras e, aqui particularmente o texto de Conceição Evaristo, pode ser considerado estratégico na medida em que reivindica para si um conhecimento da realidade, mesmo vinda pelas mãos da ficção, livre de estereótipos e ou de arquétipos, conforme menciona Frantz Fanon ao problematizar a importância fundamental da linguagem para o negro:

Sim, do negro exige-se que seja um bom preto; isso posto, o resto vem naturalmente. Levá-lo a falar *petit-nègre* é aprisioná-lo a uma imagem, embebê-lo, vítima eterna de uma essência, de um *aparecer* pelo qual ele não é responsável. E naturalmente, do mesmo modo que um judeu que gasta dinheiro sem contá-lo é suspeito, o negro que cita Montesquieu deve ser vigiado. Que nos compreendam: vigiado, na medida em que com ele começa algo. Claro, não penso que o estudante negro seja suspeito diante de seus colegas ou de seus professores. Mas fora do meio universitário, subiste um exército de imbecis: o importante é não educá-los, mas levar o negro a não ser mais escravo de seus arquétipos (FANON, 2008, p.47).

Ao tratar da língua no papel da formação dos sujeitos, Fanon argumenta ainda que “o homem que possui a linguagem possui, em contrapartida, o mundo que essa linguagem expressa e que lhe é implícito” (FANON, 2008, p.34). De que mundo, portanto, estamos falando, no caso dos afro-brasileiros? Ou mais especificamente, que linguagem educa e revela que afro-brasileiros não carregam patologia intrínseca à sua condição humana? Ponciá Vicêncio é um exemplo bem construído de que a sua patologia, longe de ser uma mera marca de caracterização da personagem, representa a identidade de uma mulher negra, centrada na herança identitária do avô, que entre passado e o presente, lembrança e a vivência, entre o real e o imaginário recorre a uma arqueologia da memória, promovendo entre o medo e a ausência, a busca por um autoconhecimento da própria personagem na narrativa, evidenciado no trecho abaixo destacado:

Nas primeiras vezes que Ponciá Vicêncio sentiu o vazio na cabeça, quando voltou a si, ficou atordoada. O que havia acontecido? Quanto tempo tinha ficado naquele estado? Tentou lembrar os fatos e não sabia como tudo se dera. Sabia apenas que, de uma hora para a outra, era como se um buraco abrisse em si própria, formando uma grande fenda, dentro e fora dela, um vácuo com o qual ela se confundia. Mas continuava, entretanto consciente de tudo ao redor. Via a vida e os outros se fazendo, assistia aos movimentos alheios se dando, mas se perdia, não conseguia saber de si. No princípio, quando o vazio ameaçava a encher a sua pessoa, ela ficava possuída pelo medo. Agora gostava da ausência, na qual ela se obrigava, desconhecendo-se, tornado-se alheia de seu próprio eu (EVARISTO, 2003, p.44)

Ao tornar-se “alheia do seu próprio eu”, Ponciá, em certa medida, aumentava a necessidade de conhecer-se. Não é a consciência ao redor da personagem que proporciona a ela proximidade com o desconhecido e, sim, a sua incursão no vazio, resgatando do mais profundo lugar da memória a marca que carrega a sua trajetória. Através dos fatos trazidos da memória, a narrativa se estabelece em dois planos: um construído pela consciente presença da personagem nos acontecimentos da história contada e outro que a retira desse real e a coloca no imaginário do seu inconsciente, sem perder de vista a descoberta da ligação ancestral que a une a Vô Vicêncio.

A trilha intelectual de Conceição Evaristo começa em 1990, conforme mencionado, mas ganha visibilidade com a publicação do romance *Ponciá Vicêncio*. Sem dúvida, enveredar pelo caminho das letras não foi nada fácil com a história de vida que a autora apresenta na sua trajetória. Embora o romance tenha se tornado uma referência para os estudos afro-brasileiros, foi preciso coragem de correr riscos ao colocar como prioridade de um trabalho intelectual inicial um texto que traz a força da identidade negra feminina e sua ancestralidade para o centro das discussões. Segundo a escritora bell hooks¹⁶, no caso dos intelectuais negros, a decisão de trilhar esse caminho, considerado, por muitos, opção excepcional, não é uma escolha vocacional e, sim, um chamado¹⁷. Aquele sujeito que, a partir de uma origem marginal, assume a atividade intelectual como forma de comunicação com o mundo, está assumindo também todas as dificuldades que uma sociedade anti-intelectual apresenta diante das transformações e mudanças sociais necessárias às comunidades em geral.

E, para as intelectuais negras, o chamado para uma atividade intelectual significa acreditar nas próprias capacidades, negociando incessantemente com todos os impedimentos impostos pela própria vida. A saída da escritora Conceição Evaristo da cidade de Belo Horizonte e a sua ida para a cidade do Rio de Janeiro tem relações diretas com a busca e oportunidade pelo conhecimento. Conceição acreditava que, ao dar continuidade aos seus estudos, a educação formal seria um meio de mobilidade que a levaria à mudança das suas condições de vida e da sua família. É do trabalho com as letras, com a palavra em suas especificidades, que Conceição se vale para sobreviver às difíceis motivações entre uma qualificação acadêmica e a tarefa de torna-se intelectual. Como associar este chamado à prática

¹⁶ O nome da escritora bell hooks aparecerá grafado em letras minúsculas ao longo do artigo apresentado para conservar a forma de auto-referência da intelectual em seus próprios textos.

¹⁷ Conferir em HOOKS, Bell. Black women intellectuals. In: WATKINS, G.; WEST, C. *Breaking bread - Insurgent black intellectual life*. Boston: South End Press, 1991.

de uma literatura transformadora? De uma literatura voltada para o reconhecimento e valor da existência humana.

Para uma parte significativa das intelectuais negras, o pensamento crítico é colocado a serviço da sobrevivência. Ou seja, o trabalho intelectual se constitui como uma forma de expurgo de uma vida que almeja transformações e que, ao mesmo tempo, carrega todas as interdições que cerceiam o trânsito do sujeito. O reconhecimento da existência humana, a partir de uma autoria negra, começa antes mesmo da elaboração do texto escrito. Inicia-se pela própria história de quem escreve porque, em geral, é sempre uma história a ser superada. Neste sentido, o texto afro-brasileiro destaca-se através de uma estética em que a literatura é voltada para educação como prática de liberdade. E, dessa forma, o texto afro-brasileiro, mais do que somente lidar com os problemas criados pela ficção, utiliza a ficção para discutir o “problema da humanização”, abordado por Paulo Freire. Segundo Freire, ao constatar a necessidade de discussão da humanização, indiscutivelmente reconhecemos a desumanização como uma realidade histórica:

A desumanização, que não se verifica apenas nos que têm sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que a roubam, é distorção de vocação do *ser mais*. É distorção possível na história, mas não vocação histórica. Na verdade, se admitíssemos que a desumanização é vocação histórica dos homens, nada mais teríamos que fazer, a não ser adotar uma atitude cínica ou de total desespero. A luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas, como seres “seres para si”, não teria significação. Esta somente é possível porque a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é, porém, destino dado, mas resultado de uma “ordem” injusta que gera a violência dos opressores e esta, o ser menos (FREIRE, 2014, p. 40-41).

E como lidar com os problemas da humanidade sem deixar que esses problemas recaiam sobre a nossa existência sob a forma de opressão? Sem que, particularmente, ao indivíduo negro seja atribuída à condição de “pessoa problemática”. Somos o “problema” ou temos que lidar com muitos problemas impostos à nossa existência? Ao tratar da questão colocada, Lewis R. Gordon, com base do trabalho de W. E. B. Du Bois, argumenta:

I have mentioned Du Bois’s question of what it means to be a problem and I have reiterated it through discussions of specialized terms like “epistemic clouse” and “anonymity” and “double consciouness” here and there. The following is a development of these terms through na exploration of the richness of Du Bois’s argument for a humanistic social science (GORDON, 2000, p. 65).

O argumento desenvolvido por Lewis Gordon para a discussão implica em três termos importantes quando tratamos da existência negra: a “clausura epistêmica”, o “anonimato” e a

“dupla consciência”. Levando em consideração o último termo, Gordon atualiza a metodologia de W. E. B. Du Bois ao afirmar que a compreensão da dupla consciência exige o entendimento de um processo de colonização de total negação do outro. Na relação colonizador/colonizado há predominância da forma de ser do colonizador e de negação do ser colonizado. O colonizado enxerga o mundo via sensibilidades e aspirações que emanam dos olhos do colonizador, num processo de rejeição às suas aspirações e desígnios humanos, passando a incorporar seus desejos, valores e possibilidades de ser outro, ainda que desprovido de humanidade.

Retomando o argumento de Freire, a desumanização é uma realidade histórica fundada num processo de colonização de distorções e aniquilamento do ser do colonizado. Nas histórias da colonização nas Américas e no Caribe, africanos e seus descendentes são frutos dessa violência provocada por uma expansão territorial e capital em contradição com a existência humana. Como existir diante de uma não existência? A pergunta pode parecer retórica, mas é fundamental para explicar, em um país diaspórico como o Brasil, a urgência de uma escrita literária, cujo comprometimento deva ser o de endossar uma política cotidiana, em que a humanidade de africanos e seus descendentes, distorcida pela história, encontre o fio da reconstrução das narrativas orais aqui deixadas e, até hoje, não sabidas, embora singulares à existência de nossas memórias.

4 Laços da memória cultural ancestral em *Ponciá Vicêncio*

Através do desenvolvimento da narrativa de *Ponciá Vicêncio*, Conceição Evaristo exercita com categoria a elaboração de um enredo, no qual a voz feminina negra periférica, porta-voz de uma história de filiação ancestral, é intermediada por uma vivência também feminina e negra decisiva para a interseção entre raça, classe e gênero. O trecho abaixo nos elucida em relação ao momento em que Ponciá se dá conta da herança deixada por Vô Vicêncio:

Alguma coisa se mexeu no fogão, bem debaixo da trempe no meio das cinzas. Foi, então, que Ponciá acordou para o momento presente. Não havia fogo, não havia a brasa acesa que sua mãe guardava sob as cinzas. Uma cobra movimentou-se lentamente dentro do fogão. Ponciá olhou o bicho e não teve vontade de fazer nada. Só então percebeu que a casa estava vazia. A dor da ausência da mãe e do irmão aconteceu mais forte ainda. Olhou para a mesa de madeira e lá estava o homem-barro entre prantos e risos. Pegou o trabalho e enrolou, como fazia a mãe, em folha de bananeira e palhas secas guardando-o carinhosamente no fundo da trouxa. E na sua memória veio o dia em que Vô Vicêncio morrera. Ela era bem pequena, menina de colo ainda, e ouvira os parentes dizer que o avô havia deixado uma herança para ela (EVARISTO, 2003, p. 57-58).

Mesmo que decidisse abandonar os seus em busca de uma vida melhor, para qualquer lugar que decidisse ir, não fugiria da herança deixada por Vô Vicêncio, diz a narrativa. Em relação à ancestralidade como herança Kabengele Munanga afirma:

Esse é um dado da africanidade, essa questão da ancestralidade. Está em todas as sociedades africanas, em todas as culturas africanas. O que é um ancestral? O ancestral nada mais é do que um criador. Pode ser um ancestral feminino ou masculino, dependendo da sociedade, se é uma sociedade matrilinear ou patrilinear. Quer dizer, o ancestral é aquele que tem o estatuto de fundador, fundador do clã, da linhagem, que foi uma personagem importante, que é a origem, a fundação, o fundador de tudo, da nação, uma pessoa cuja memória é simplesmente rememorada, retualizada em todos os momentos. (MUNANGA, 1984)

A ancestralidade é base fundamental da existência. Ela representa um tempo passado e também presente, conectando valores, crenças, linguagens e toda e qualquer forma de comunicação, entre um saber cuidado e, sobretudo, aperfeiçoado por uma experiência tornada quase divina que sensivelmente se liga, das formas mais diversas, aqueles que são suscetíveis a essa predestinação. Ponciá estava, portanto, predestinada à herança ancestral.

Por que Conceição Evaristo elege uma personagem feminina para carregar consigo o atributo da ligação ancestral? Por que o gênero é decisivo para a configuração de uma responsabilidade neste sentido? Ponciá é a representação de uma experiência negra e feminina que traz consigo a atribuição da ancestralidade vivida nas diversas incursões da memória. A construção da personagem sugere que, em função da ausência da diversidade de experiências sobre a mulher negra brasileira na literatura, o enfoque dado à trajetória de Ponciá pela autora, coloca em evidência que as imbricações entre raça e gênero interagem em um sistema de opressão e de total aniquilamento da *persona* humana. Ponciá sobreviveu, mas carregava consigo o nome “Vicêncio” que a acompanharia pelo resto de sua vida, “da herança deixada por Vô Vicêncio ela não fugiria” (EVARISTO, p. 60), conforme enfatizado na narrativa por outra personagem, Nêgua Kainda. Em outro trecho da narrativa, rememorado por Ponciá, na voz da mesma personagem, Kainda, há o reforço da ideia anterior:

(...) Lembrou-se da fala de Nêgua Kainda ,quando esperançosa, tinha voltado ao povoado em busca da família. Nêgua lhe havia dito que em qualquer lugar, em qualquer tempo, a herança que Vô Vicêncio tinha deixado para ela seria recebida. Ponciá ouvia esta conversa desde pequena. Que legado do avô seria pertença dela? (EVARISTO, 2003, p. 61)

A predestinação da herança ancestral de Vô Vicêncio não vinha da ilusão de terras deixadas pelo Coronel Vicêncio como prêmio de libertação aos negros porque seu avô, desde muito tempo, já não as possuía mais (EVARISTO, 2003, p. 61-62). Também não vinha

exclusivamente da aparência com o avô, descrita no romance pelo modo de andar e pela semelhança física (EVARISTO, 2003, p. 63). Estava implicada em algo mais (...), em algo que com frequência inculcava os pensamentos da própria personagem em busca de uma saída plausível e racional para suas indagações. Em busca de respostas para tal racionalidade, Ponciá, entre um devaneio e seu retorno à realidade, seguia questionando o motivo de ser ela a escolhida. E, talvez, a escolha pudesse residir no fato de Ponciá, diferente dos outros personagens da narrativa, e mesmo entre a realidade vivida e as lembranças trazidas pelo fluxo contínuo da memória, apresentava em seu próprio monólogo, a interlocução entre passado e presente, sem deixar se esvaír no presente o conhecimento de uma ancestralidade necessária à configuração das diferentes histórias sobre as pessoas negras no Brasil.

Na narrativa do romance *Ponciá Vicêncio*, o lugar de enunciação da personagem Ponciá reflete uma experiência vivida negra e feminina, de caráter coletivo. Ponciá é a representação coletiva de um número imensurável de mulheres que são cotidianamente oprimidas dentro e fora de seus lares e que carregam consigo a dor de não poder expressar seus sentimentos, suas angústias e suas preocupações como mulheres e negras. Nas histórias das mulheres negras no Brasil, a opressão é um fator sempre presente nas diferentes vivências dessas mulheres.

Ao lembrar o início do movimento feminista no Brasil em meados da década de 1970, Sueli Carneiro afirma que o movimento ajudou a reconstruir a sociedade civil na luta pelo fim da ditadura militar e para o estabelecimento da democracia. As mulheres estiveram à frente da campanha para a libertação de prisioneiros e lideraram movimentos contra a tortura. O contato que tiveram com outras feministas, durante o exílio na Europa e nos EUA, fez com que pudessem introduzir na agenda de combate às reivindicações, a crítica à desigualdade de gênero e, ao mesmo tempo, perceber a omissão da centralidade da raça nas hierarquias de gênero. Conforme argumenta Lélia Gonzáles, o movimento feminista brasileiro:

(...) também revela um distanciamento da realidade vivida pela mulher negra ao negar toda uma história feita de resistências e de lutas, em que essa mulher tem sido protagonista graças à dinâmica de uma memória cultural ancestral- que nada tem haver com o eurocentrismo desse tipo de feminismo. (BAIRROS In: WERNECK et al, 2000, p. 57)

Na história de Ponciá Vicêncio, a memória cultural ancestral da personagem é uma espécie de poética que versa sobre a existência negra, buscando sentidos no que Pierre Nora (1993) chama de dialética da lembrança e do esquecimento. A memória da personagem, diretamente ligada à escravidão, traz dos acontecimentos de um passado histórico, reflexões

acerca da condição do sujeito negro expressas na linha temporal do monólogo. Entre a lembrança e o esquecimento, Ponciá elege os vínculos que dão significados à narrativa, trazendo da memória para o momento atual do romance, a indissociabilidade entre a experiência da escravidão e os aspectos que definem a condição de vida presente.

(...) De que valera o padecimento de todos aqueles que ficaram para trás? De que adiantara a coragem de muitos em escolher a fuga, de viverem o ideal quilombola? De que valera o desespero de Vô Vicêncio? Ele, num ato de coragem-covardia, se rebelara, matara uns dos seus e quisera se matar também. O que adiantara? A vida escrava continuava até os dias de hoje. Sim, ela era escrava também. Escrava de uma condição de vida que se repetia. Escrava do desespero, da falta de esperança, da impossibilidade de travar novas batalhas, de organizar novos quilombos, de inventar outra e nova vida. (EVARISTO, 2003, p. 83-84)

“(...) de inventar outra e nova vida”, seria esta “nova” vida possível à Ponciá? Através da qual a condição humana do indivíduo negro possa ser representada sem as frequentes e dolorosas referências a um passado de terror, medo, angústias e desalentos atrelados às memórias de escravos e seus descendentes. A memória ancestral de Ponciá dá conhecimento ao leitor de que a experiência da escravidão, embora revestida de sentimentos negativos, guia a fluxo da narrativa, orientando de forma categórica as consequências no presente sobre as implicações do desenraizamento cultural das populações negras na diáspora.

Ponciá e sua família, assim como muitas outras famílias de africanos e seus descendentes no Brasil, representam o que Paul Gilroy (2001) chama, ao analisar o processo de racialização no Ocidente, de deslocamento e criação cultural em espaços diaspóricos. Embora o autor não aborde na discussão as experiências das comunidades negras no Atlântico Sul, ele afirma que as identidades negras correspondem a uma construção política e histórica marcadas pelos trânsitos culturais no Atlântico. Para Gilroy as identidades negras devem ser vistas como um processo em movimento e mediação de uma experiência radical de desenraizamento. O conceito de diáspora como movimento dinâmico, na recriação de elementos culturais na modernidade, relativos às comunidades negras, desenvolvido pelo intelectual, faz-me pensar que a memória resgatada pela personagem Ponciá não seja apenas uma ligação com o trauma original da escravidão e, sim, uma tentativa de construção e reconhecimento da importância dos elos que a unem a sua ancestralidade ao desenraizamento das culturas que foram criadas com o deslocamento de inúmeras comunidades africanas na diáspora.

Ao recuperar as memórias de Ponciá, insufladas pelo movimento narrativo do romance, Conceição Evaristo constrói uma ação literária de entrelaçamento das vivências das personagens, no presente, com a história da existência dessas personagens, no passado. Ao

recuperar no passado alguns dos elementos que justificam as relações das personagens no tempo presente, Evaristo faz o que Édouard Glissant (2011) propõe na sua *Poética da Relação*, rompe com a mentalidade ocidental, estabelecendo uma relação autônoma com a diferença, descolonizando a escrita e o modo de escrever literatura. De que forma, então, o romance se torna um recurso literário para acesso à identidade negra? O acesso à identidade negra e feminina, principalmente, é dado pela filiação da personagem Ponciá, na narrativa, à continuidade, no presente, de um passado ancestral que se desloca do seu tempo, caracterizando os anseios, dúvidas e desejos, embates e conflitos que Ponciá explicita na relação com todos ao seu redor.

5 A “escrevivência” de Conceição Evaristo

Aparentemente a combinação encontrada pela autora para caracterizar o seu processo de criação literária denominada “escrevivência” poderia ser interpretada na junção entre duas palavras: escrever (verbo) e vivência (substantivo). No entanto, tal combinação, neste caso particular, significa mais do que o campo vernacular que língua pode alcançar em relação aos seus sentidos. A “escrevivência” de Conceição Evaristo, segundo a autora, acaba nos remetendo a uma conceituação por parte daqueles que trabalham com as teorias e críticas da literatura e da cultura e, seu significado toma dimensões mais específicas e definidoras do tipo de literatura que a escritora produz.

As histórias de Conceição são sempre inspiradas por palavras e/ou expressões que ruminam no seu pensamento por um tempo, às vezes, indeterminado. Depois da associação que faz entre a combinação dessas palavras e/ou expressões com as trajetórias de pessoas ligadas às diferentes histórias que compõem a sua própria vivência e a vivência dessas pessoas, o enredo passa a ser criado para a variedade de personagens que brotam das narrativas. Neste processo de criação, as vivências são as experiências de existência de um dado sujeito ou do sujeito e de seu coletivo transpostas para o texto literário. No entanto, a escritora não se coloca a falar de qualquer sujeito. Ela constrói narrativas para sujeitos que teoricamente estariam à margem da cultura da modernidade.

Desse modo, a “escrevivência” de Conceição Evaristo pode ser entendida como um conceito que propõe explicitar e discutir as trajetórias das histórias de afro-brasileiros, criadas pela dinâmica do movimento diaspórico no Brasil, através da qual, as experiências e as

vivências desses mesmos sujeitos transmitam, entre o acontecimento e a narração do fato, uma realidade sobre um modo particular de produzir literatura, como um caminho filosófico de questionamento à existência da humanidade negra no texto literário.

Ao trazer para o texto literário o questionamento à existência da humanidade negra em termos filosóficos, Evaristo vale-se de um tipo de construção literária na qual as experiências e as vivências de afro-brasileiros demonstram relações intrínsecas com a influência de um pensamento intelectual denominado por Lewis Gordon como “*Africana thought*”. Para Gordon, o pensamento intelectual, na história do último quarto do século XX, vem sendo marcado, no meio acadêmico nos Estados Unidos, pela influência do que considera “*Africana thought*”:

(...) refer to an area of thought that focuses on theoretical questions raised by struggles over ideas in African cultures and their hybrid and creolized forms in Europe, North America, Central and South America, and Caribbean. *Africana thought* also refers to the set of questions raised by the historical project of conquest and colonization that has emerged since 1492 and the subsequent struggles for emancipation that continue to this day. (GORDON, 2000, p. 1)

Embora o trabalho de Conceição Evaristo não seja o de teorizar sobre aspectos que envolvem crítica à literatura, considero que o projeto intelectual da autora esteja em total acordo com o conceito estabelecido por Gordon para “*Africana thought*”, porque ao tratar de uma literatura diaspórica africana, a intelectual endossa a pergunta filosófica de questionamento ao reconhecimento da existência da humanidade negra na sua produção escrita. Sua narrativa, seus personagens e os enredos criados para as histórias “inventadas” pela escritora demonstram clara preocupação em contrapor o que a história ocidental negativamente preconizou sobre o sujeito negro na modernidade. A contraposição é tão forte e verdadeira que o texto literário de Evaristo no Brasil, de forma exemplar, traduz um passo para além do debate sobre as representações negras presentes no romance brasileiro. Logo na abertura do texto, a descrição de Ponciá é revestida de humanidade, demonstrando a personagem naturalidade com o gosto pelas coisas simples.

Naquela época Ponciá Vicêncio gostava de ser menina. Gostava de ser ela própria. Gostava de tudo. Gostava. Gostava da roça, do rio que corria entre as pedras, gostava dos pés de pequi, dos pés de coco-de-catarro, das canas e do milharal. Divertia-se brincando com as bonecas de milho ainda no pé. Elas eram altas e, quando dava o vento, dançavam. Ponciá corria e brincava entre elas. O tempo corria também. Ela nem via. O vento soprava no milharal, as bonecas dobravam até o chão. Ponciá Vicêncio ria. Tudo era tão bom. (...) (EVARISTO, 2003, p. 9-10).

Considerações Finais

A “escrevivência” de Conceição Evaristo é um processo consciente de criação literária que mostra personagens negros descritos, não só a partir de seus dilemas e conflitos, mas, sobretudo, através da sua alegria e inteligência, da relação com o simples em meio às possíveis dificuldades e um particular gosto pela vida, superando o enfrentamento com o mundo, no qual, ser negro representa um incomensurável desafio. São muitas as mulheres negras na sociedade brasileira que, de uma maneira ou de outra, estão associadas à história de Ponciá. Seja pela busca da relação entre ancestralidade e identidade ou pelas trajetórias de vidas similares em seus aspectos mais delicados e verdadeiros. A narrativa entregue ao leitor tem força poética em cada vocábulo escolhido, desenhando uma linguagem totalmente singular para o romance afro-brasileiro, através do protagonismo feminino negro, cuja autoria também negra investe na riqueza dos laços ancestrais trazidos pelo fluxo da memória para a narrativa.

Sendo assim, suponho que o romance *Ponciá Vicêncio* representa leitura obrigatória para aqueles que buscam compreender a literatura para além do deleite. É uma literatura politicamente engajada com uma vontade de conhecimento sobre uma parte significativa do campo social negro brasileiro, mas ainda pouco discutida na formação intelectual dos indivíduos. Ao trazer o texto afro-brasileiro de Conceição Evaristo para a esfera da crítica à literatura e à cultura, interpretações outras são criadas e fundamentadas, a partir de um olhar atento à complexidade das discussões que, entre o literário e o existencial, destacam a “escrevivência” como um recurso dialógico de reconhecimento à existência da humanidade negra no Brasil.

Referências

- EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*; tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*: Editora 34, 2001.
- GLISSANT, Édouard. *Poétique de la relation*. Paris: Éditions du Seuil, 1990.
- GORDON, Lewis R. *Existential Africana: understanding Africana existential thought*. New York: Routledge, 2000.
- MUNANGA, Kabengele. O Universo Cultural Africano. In: *Revista Fundação João Pinheiros*, 14 (1-10). Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, julho a outubro de 1984.

NORA, Pierre. “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. Projeto História. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História da PUC-SP*, n 10. São Paulo, dez. 1993.

REIS, João José. *Rebelião escrava no Brasil. A história do levante dos Malês em 1835*. Companhia das Letras: São Paulo, 2003.

WERNECK, Jurema *et all* (Orgs.) *O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe*. Pallas: Rio de Janeiro, 2000.

Recebido em 31 de maio de 2017

Aceito em 25 de junho de 2017